

120
388

BIBLIOTECA
Olavo Nunes

A Educação Nacional

Do mesmo Autor

SCENAS DA VIDA AMAZONICA, com um estudo
sobre *As populações indígenas e mestiças da Amazonia*, Lisboa, 1886.

ESTUDOS BRAZILEIROS (*Litteratura, Historia, Ethnographia, Critica*), Pará, 1889.

JOSÉ VERÍSSIMO

no
388

A EDUCAÇÃO
NACIONAL

Este livro, quero que seja um protesto,
um crito de alarma de *são brasileiro*,
um brado de entusiasmo para um futuro
melhor.

SYLVIO ROMERO. *Hist. da Litt. Braz.*



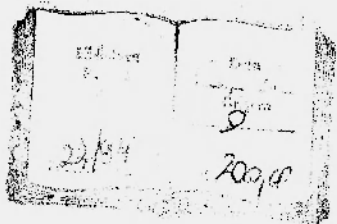
37 (81)
45 16 8

Pará

EDITORES — TAVARES CARDOSO & C.^a

LIVRARIA UNIVERSAL

MDCCCXC



PARÁ—BRAZIL

IMPRESA DE TAVARES CARDOSO & C.^a

29—Travessa de S. Matheus—29

—
MDCCCXC

Rg 062/100

BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARÁ
Seção de Obras do Pará



INTRODUCCÃO

FAZ um anno, examinando contristado a situação moral do Brazil, no prefacio do livro *Estudos Brasileiros*, concluia eu essa desanimadora revista por estas palavras: «Em meio do desalento geral e da funda descrença que lavra não só os espiritos que o vento do scepticismo tinha preparados, mas ainda o povo estranho aos embates do pensamento moderno, surge apregoando-se capaz de regenerar o paiz a idéa republicana.» E, tendo singelamente declarado o meu pensamento a respeito da intuição do republicanismo militante no

Brazil, e da impossibilidade da federação com a monarchia, reparava: «Pois bem, forçosamente republicano, não porque acredite na efficacia e infallibilidade da republica, na qual vejo apenas uma resultante e não um factor, uma formula governamental mas não a fórmula definitiva que ainda escapa ás nossas previsões, porém por julgal-a determinada pelas nossas circumstancias politicas e evolução historica, é, sinão com hostilidade, ao menos sem nenhuma sympathia que encaro o actual movimento republicano, fadado por ventura a não remoto triumpho.»

Está feita a Republica. Sómente veio um pouco mais cedo que o previam quantos os destinos do Brazil occupavam. Si o seu advento a alguém surprehendeu, foi áquelles que mais concorreram para apressal-o, os parlamentaristas e os politicistas. Com esses realisou-se o *quod volumus* ás avessas. Não é tempo ainda de julgar si ella cumpriu ou cumprirá as promessas feitas.

O facto da mudança de fórmula de governo, maiormente por causas onde não sei si o futuro

historiador descobrirá algum elemento de reacção patriótica, não é, entretanto, de per si mesmo bastante para facultar-nos uma era nova de regeneração. As fórmulas de governo têm um valor relativo, mesmo porque, consoante o demonstra a historia e o ensinam os mais allumiados pensadores, a força progressiva das nações actúa de baixo para cima e não de cima para baixo. É no povo que reside, e é a somma de seus esforços, em qualquer ordem de phenomenos, que produz a Civilisação e o Progresso.

No Brazil a republica pode e, devemos todos ao menos esperar, ha de ser um bem, por dous motivos de ordem mais elevada que o parvoinho jacobinismo com que a preconisavam hontem ou a endeosam hoje os que fazem d'isto uma questão de fé e sentimento.

O primeiro e acaso mais ponderoso é que, conforme disse no trecho que tomei a liberdade de citar, ella era fatalmente determinada pela nossa evolução historica e circumstancias politicas. Ha na historia uma especie de fatalismo, a

rever as leis que presidem á evolução geral da Humanidade, e que, nada obstante o ingente trabalho dos pensadores desde Aristoteles, a Sociologia — sciencia ainda vaga e fluctuante — não conseguiu até agora estabelecer e demonstrar. A uma d'essas leis, certo, obedeceu a nossa recente evolução social apenas apressada pelo fortuito de uma causa que logicamente a não devia produzir. É que na historia o acaso, consoante o pensar de Littré, não é um effeito sem causa, mas um effeito produzido por um encontro de causas entre si independentes. ¹

A outra razão porque deve ser-nos a republica prestadia, é comportar moldes mais amplos, fórmulas políticas e administrativas mais largas que a monarchia, o que para nós povos americanos, mais que necessario, é indispensavel á nossa evolução.

A federação, erradissimo alvitre para salvar

¹ *Transrationalisme* in *Rev. de la Phil. Posit.* Tom. XXIV, pag. 40.

a caduca instituição, era irrealizavel sob a fôrma monarchica, na qual tambem se não ageitavam as reformas projectadas pelo ministerio deposto com a dynastia.

Estas considerações, porém, por mais incontestaveis que sejam, não nos devem induzir a crêr a simples mudança da nossa fôrma de governo capaz de renovar de todo em todo e para melhor o paiz. A historia é feita com um elemento, o povo; é, pois, o povo, e não o governo quem em definitiva pode radicalmente mudar as condições de uma nação, cujos vicios e defeitos — cumpre insistir — são antes seus que dos que administram e dirigem. Sobrou, por isso, razão a quem disse, cada povo tem o governo que merece.

Si, como forçoso é reconhecer, o estado moral do Brazil, e ainda seu estado material, é propriamente desanimador e precario e, sobretudo está muitissimo áquem das justissimas aspirações dos patriotas e dos gloriosos destinos que lhe antevemos, não ha tão pouco negar que nem só-

mente a monarchia e as instituições que lhe eram ministras, não nós todos somos d'isso culpados.

É, pois, a nós mesmos, é ao povo, é á nação, que cumpre corrigir e reformar, si quizermos realise a republica as bem fundadas e auspiciosas esperanças que alvoreceu nos corações brasileiros.

Para reformar e restaurar um povo, um só meio se conhece, quando não infallivel, certo e seguro, é a educação, no mais largo sentido, na mais alevantada accepção d'esta palavra.

Nenhum momento mais propicio que este para tentar esse meio, que não querem adiado os interesses da patria. Affirma um perspicuo e original historiador da pedagogia, que do estudo da historia e evoluimento da educação publica resulta, entre outras, esta conclusão: «uma reforma profunda na educação publica e nacional presume uma reforma igualmente radical no governo.»¹

¹ C. Issaurat, *La Pédagogie son évolution et son histoire*, Paris, 1886, pag. 485.

Nós tivemos já a reforma radical no governo, cumpre-nos completar a obra da revolução pela reforma profunda da nossa educação nacional.

II

Brazileiro nenhum, estudando com amor, á falta de talento, a sua patria, em todas as manifestações da sua vida, na sua Politica, na sua Arte, na sua Industria, na sua Litteratura, e até nos seus Costumes e Tradições, deixará de verificar consternado a pobreza do nosso sentimento nacional.

Por sentimento nacional entendo eu não só essa maneira especial de sentir, isto é, de receber e reproduzir as impressões, que distingue os povos uns dos outros, mas ainda o conjuncto de impressões recebidas em uma perenne communhão com a patria e transformadas no cerebro

em idéas ou sensações que têm a patria por origem e fim, causa e effeito. D'est'arte concebido o sentimento nacional é elle independente do character nacional, antes dependente de causas extrinsecas de ordem physica que de causas moraes de ordem psychica.

O Brazil, graças á unidade de raça formada pelo franco cruzamento das tres que aqui concorreram no inicio da nossa constituição nacional, graças a não perturbação d'esse primeiro resultado pela concurrencia de elementos estrangeiros, assim como á unidade da lingua, da religião, e, em summa, das tradições que mais puderam influir n'aquelle facto, isto é, as portuguezas, tem incontestavelmente mais accentuado character nacional que os Estados-Unidos. E semelhante facto, escrevi eu algures *; nos assegura um movimento social mais lento, é verdade, porém mais firme.

* *As Populações indígenas e mestiças da Amazonia*, in *Scenas da Vida Amazonica*, Lisboa, 1886, pag. 28.

Ali, onde um grave pensador allemão, o celebre Dr. Strauss, não reconhece caracter nacional, ¹ são muitos, diversos e desencontrados, os elementos ethnicos e sociaes. Ha o allemão, saxonio, lutherano ou evangelico; ha o inglez, anglo-saxonio, presbyteriano ou anglicano; ha o irlandez, celto-bretão, catholico, além do francez, além do negro, além do hollandez, sem contar com o indio e o chinez quasi eliminados. Cada um guarda mais ou menos a sua lingua ou o seu dialecto, e ainda a sua litteratura e as suas tradições. Por causas especialissimas, e que serão ainda neste livro indagadas, esta amalgama pôde produzir uma grande nação, á qual todavia mais que a nós falta caracter nacional.

Porém, singularissima anomalia, ali, onde tal caracter quasi não existe, é forte o sentimento nacional que a nós, com characteristics muito mais distinctas e maior homogeneidade nos fal-

¹ *L'Antienne et la nouvelle foi*, Trad. Narval, Paris, 1876, pag. 239.

lece. Para accentuar esta profunda differença entre nós e aquella nação, sobejam duas causas.

Ali a desusada prosperidade nacional que a copiosissima immigração e a abundancia de excellentes terras em grande parte explicam, gerou em uma raça naturalmente desvanecida o orgulho nacional, que no americano entra por muito no sentimento a que alludo. Na collectividade, como no individuo, o orgulho — tomada esta expressão a boa parte — é uma das forças do character, aquella que nos não consente baixeza e nos instiga melhorias. Em uma nação é ella por tanta maneira util, que pode ser causa ou estímulo do patriotismo, como nos Estados-Unidos.

Acolá, chegada a nação ao apogêo dos progredimentos materiaes, a ponto de competir com as mais velhas e adeantadas do mundo, a consciencia do trabalho feito e da relevancia dos esforços de envolta com a certeza do triumpho, geraram n'uma raça já de si soberba o orgulho nacional, revelando-se caracteristicamente na in-

clinação ao grandioso e collossal. As suas cidades, as suas construcções, os seus edificios e monumentos, á falta de gosto ou arte, são ao menos estupendos.

No Brazil não havemos desgraçadamente de que ter orgulho nacional. Em alguma parte da sua *Historia da Litteratura Brasileira*, observa o Sr. Sylvio Romero que quando outros povos, citam vaidosos os seus grandes homens ou as suas grandes obras, os seus poetas, os seus sabios, os seus estadistas eminentes, os seus poderosos escriptores, nós, é á nossa natureza que vamos buscar d'onde vangloriar-nos, e enquanto elles nos repetem os seus nomes celebres ou os seus trabalhos famosos, nós contestamos-lhes com o «magestoso Amazonas,» as «soberbas florestas,» os «rios gigantes,» quando não vamos até errar a geographia patria, falando em «montanhas que tocam as nuvens.»

A educação nacional, largamente derramada e diffundida, com o superior espirito de ser um factor moral de nacionalismo, poderosissima-

mente concorreu para despertar no americano o sentimento patriótico. Teve esse grande povo a intuição de que a escola, isto é, a mesma educação prodigamente distribuída a todos os cidadãos, devia de ser a cadeia que ligasse os elementos heterogêneos da nação. ¹ E assim, sem obstáculo da federação e do espírito individualista do elemento anglo-saxónico ali predominante, a unidade escolar, unidade de espírito, entendeu-se, veio a ser um remédio ás fundas diversidades de raça, de religião e de costumes.

Não succedeu no Brazil infelizmente o mesmo. Além de nunca lhes havermos dado a importância social que lhes mereceu a elles, jamais a espalhamos em relação sequer comparável com o que elles fizeram. E sem impedimento da nossa centralisação administrativa e politica, a escola brasileira, isolada na esphera de uma pura e estreita acção de rudimentar instrucção primaria, não teve a minima influencia nem na

¹ V. adiante o Cap. *A Educação Nacional*.

formação do character, nem no desenvolvimento do sentimento nacional.

Sem orgulho patriótico, sem educação civil, sem concurrencia de especie alguma, o character brasileiro, já de si indolente e molle, como que deprimio-se, e o sentimento nacional que luz pela primeira vez na lucta com os hollandezes, e depois nos conflictos de nacionaes e portuguezes nas epocas que proximamente antecederam ou seguiram a Independencia, esmorece, diminue, quasi desaparece.

Indagando, com esta minha velha preocupação de nacionalismo, as manifestações d'esse sentimento nas mais characteristics fórmulas do sentir de um povo, na sua poesia e na sua arte, foram sempre negativos os resultados. Em abono de asserto semelhante escrevi eu em outro ensaio: «As maiores commoções politicas ou sociaes por que tem passado o Brazil, como, e não falo sinão de factos contemporaneos, as revoluções de 17 em Pernambuco e 42 em Minas, os diversos movimentos sediciosos do momento da

Independencia, a revolução do Rio Grande do Sul, a guerra da Cisplatina ou a guerra do Paraguay, os phenomenos mais caracteristicos da nossa nacionalidade, como a escravidão, não só como instituição juridica mas como um facto consuetudinario, digamos assim, nada d'isso deixou um signal apreciavel em o nosso romance ou em a nossa poesia.»¹

Varias causas acudiram a estorvar em nós o *brazileirismo*. Direi das mais salientes.

É principal a desmarcada estensão do paiz comparada com a sua escassa e rareada população. Isolados nas localidades, nas capitánias e depois nas provincias, os habitantes, por assim dizer, viveram alheios ao paiz. Desenvolveu-se n'elles antes o sentimento local que o patrio. Ha bahianos, ha paraenses, ha paulistas, ha riograndenses. Raro existe o brasileiro. É phrase commun: *Primeiro sou paraense* (por exemplo) *depois*

¹ O romance *naturalista no Brazil*, estudos publicados na *Provincia do Pará* de 17-23 Janeiro de 89.

brazileiro. Outros dizem: *a Bahia é dos bahianos, o Brazil é dos brasileiros*. Pela falta de vias de comunicação, carestia e difficuldade das poucas existentes, quasi nenhuma havia entre as provincias. Rarissimo ha de ser encontrar um brasileiro que por prazer ou instrucção haja viajado o Brazil. Durante muito tempo os estudos se iam fazer á Europa, muito especialmente a Portugal. Lisboa e Coimbra eram as nossas capitães intellectuaes. As relações commerciaes foram até bem pouco tempo quasi exclusivamente com aquelle continente e com aquelle estado. Tudo isto vinha não só da geographia do paiz, mas tambem da ciosa legislação portugueza que de industria procurando isolar as capitancias, longe de acoçoar as relações entre ellas, preferia as tivessem com o reino. D'estes differentes motivos procede o estreito provincialismo brasileiro, conhecido sob o significativo appellido de *baïrismo*, que hostilisava e refugava de si o mesmo brasileiro oriundo de outra provincia alcunhando-o, no Pará por exemplo, de *barlaventista*.

A falta de uma organização consciente da educação publica do mesmo passo cooperou para manter esse isolamento e como quer que seja, essa incompatibilidade entre os filhos e habitantes das diversas provincias. A educação nacional a que os Estados-Unidos recorreram para reduzir e ataihar os perigos que á unidade da nação trouxesse um demasiado espirito local, nunca a houvemos, nem ainda hoje a temos aqui.

Pessimamente organizada, a instrucção publica no Brazil, não procurou jamais ter uma funcção na integração do espirito nacional. A escola viveu sempre accaso mais isolada pelo espirito que pelo espaço e topographia. Si n'ella se tratava da patria, não era com mais individualidade, cuidado e amor que de outras terras. Era antes vulgar merecer menos. A mesma provincia não foi jamais objecto de estudo especial. Porém essa, ao menos de experiencia propria e por assim dizer intuitivamente, vinha mais ou menos a conhecê-la o natural. Foi durante muito

tempo numeroso o exodo das crianças a estudar fóra do paiz, na idade justamente em que se começa a formar o character e o coração, e em que se recebem as primeiras e eternas impressões do amor da familia e do amor da terra. Nem ao menos vinham a ser uteis esses cidadãos, assim alheados da patria. Não iam em idade de adquirir outro saber que não aquelle galantemente taxado por Montaigne de *sciencia livresca*, e tornavam em geral descaroaveis da patria e de seus costumes, e profundissimamente ignorantes d'ella. Muitos d'esses achavam-se depois — imagine-se com que sentimento nacional — á frente dos seus negocios.

O illetrado brasileiro — ainda ha pouco 84% da população — nada encontrou que impressionando seus sentidos lhe falasse da patria e a seu modo fosse tambem um factor da sua educação. Não ha museus, não ha monumentos, não ha festas nacionaes. O que frequentou a escola, onde lh'a não fizeram conhecer e amar, desadorando a leitura e o estudo, não procurou fazer-se a si

proprio uma educação patriótica. Esta mesma boa vontade ser-lhe-hia aliás difficil realizar, pela falta de elementos indispensaveis. Porque, em virtude mesmo d'esta indiferença pelas cousas nacionaes, conforme vou aqui apontando, de modo algum combatida pela educação publica, é pauperrima a nossa litteratura nacionalistica.

O nosso jornalismo, quiçá mais numeroso que notavel, afóra a politica e as pequenas noticias, os *faits divers*, escassamente occupa-se do Brazil. É mais facil encontrar n'elles noticia de cousas estrangeiras — europeás para ser mais preciso — que do paiz; e nas provincias si raro é o jornal de algum valor que não tenha uma correspondencia de Lisboa ou de Paris, porventura se toparia algum que a tivesse, não de outra parte do Brazil, mas do Rio de Janeiro. Não possuímos uma unica revista que leve a todos os cantos do paiz os trabalhos dos seus escriptores, dos seus pensadores, dos seus artistas e os estudos do paiz feitos. Não temos illustrações

por onde fiquemos conhecendo os diversos aspectos da variadíssima paizagem brasileira, ou as obras e construcções no Brazil e por brasileiros feitas, nem os nossos homens e successos notaveis, nem algum raro monumento erigido. ¹

Os excellentes livros que sobre nós escreveram alguns sabios viajantes estrangeiros, ficaram até agora por traduzir e, desencontradiços nos livreiros indigenas, sómente na livraria de algum raro curioso de cousas patrias, se nos deparam. Livros proprios sobre cousas brasileiras, tirante os romances que, de passada note-se, esses mesmos começam a escacear — são raros.

¹ Aqui na capital do Pará, onde escrevo (e o mesmo, sei, acontece em geral nas outras capitães dos estados) cidade de população talvez não inferior a 80 mil habitantes, é mais difficil encontrar ou obter um livro (ou outro qualquer product) brasileiro que qualquer obra estrangeira, mesmo allemã ou italiana. As principaes revistas europeas têm aqui assignantes. A recente *Revista de Portugal* possui talvez mais de trinta. A mallograda *Revista Brasileira*, creio apenas tinha uns quatro. Livro ou periodico publicado fóra do Rio de Janeiro, é para nós como si o fóra na China.

O desanimador resultado d'estes factos infelizmente incontestaveis, é esta dolorosa verdade:

— Nós nos ignoramos a nós mesmos!

E a funestissima consequencia d'esta ignorancia é a extrema pobreza sinão falha completa de sentimento nacional.

O mencionado isolamento das capitancias primeiro e das provincias ao depois, não só determinado, segundo vimos, por condições geographicas e economicas, como nos tempos coloniaes systematicamente acoroçoado pela metropole como medida politica, preparou de longa mão o espirito regional do Brazil, e assim tornou possível sem abalo nem vexame a actual federação.

Certo não virá ao espirito de nenhum brasileiro atacar a federação instituida pela revolução de 15 de Novembro, da qual esperamos todos largos beneficios para o paiz. Mas sómente aos politicos obsecados pelas suas paixões partidarias, será licito cegar-se á evidencia das cousas e confiar inteiramente em fórmulas e formulas de governo. A confederação em si mesma tem os

seus perigos, que avultam n'um paiz qual o nosso onde o sentimento regional prevalece ao nacional e onde — diga-se francamente — é latente, em alguns estados ao menos, o espirito separatista. Um publicista americano, considerando o antagonismo entre a confederação e a nação, d'est'arte se exprime: «O estado confederado é a real antithese do principio nacional, como a confederação é fatalmente a antagonista da nação historicamente considerada. A qualquer luz encaradas, tornam-se manifestas estas antitheses. A nação, como organismo social, suppõe uma unidade organica; e este organismo é que a ninguem é dado transmittir. Para a confederação é artificial a existencia da sociedade, formada como uma associação de homens em determinada commuidade de interesses, ou apenas como a reunião d'aquelles que vivendo antes separados, voluntariamente a ellas accederam. É no desenvolvimento da vida historica do povo na sua unidade, que origina-se a nação; a confederação prejudga como origem da sociedade o acto

voluntario d'aquelles que individual ou collectivamente a realisaram, e suas instituições tem apenas esse precedente formalistico.»¹

Estas differenças fundamentaes na evolução e indole da nação encerram os perigos intrinsicos d'esta fôrma, perigos que aos politicos previdentes cabe antever e conjurar. Além d'esses a federação brazileira encerra especialmente um outro e gravissimo, qual é a indicada falta ou pobreza de sentimento nacional, tornando acaso provaveis, e em todo o caso possiveis, as tentativas de separação.

Estados sei eu onde o partido bastante ousado e anti-patriotico para soltar o grito de separação, estaria certo de acordar secretas aspirações e geraes sympathias, que não duvidariam talvez vir á praça manifestar-se. Um pequeno factio, entre mil que o observador está nos casos de verificar: n'este Estado foi a gloriosa bandeira, bra-

¹ E. Mulford, *The Nation, the foundation of civil order and political life in United-States*, Boston, 1882, pag. 324.

zileira, nunca d'antes arriada diante de ninguém, nem por ninguém impunemente menospresada, substituída no tope do palacio do governo por um estandarte de que usava o Club Republicano, branco e encarnado. Reintegrada depois — desgraçadamente com modificações infelicissimas — até hoje, quatro mezes após, não foi ainda hasteada em nenhum dos edificios publicos do Estado. Identico successo teve aqui tambem lugar com o nosso entre todos bellissimo restaurado hymno nacional.

É este apprehensivo estado do espirito publico, antepoendo o sentimento provincial ao sentimento nacional, e gerando, em alguns Estados ao menos, um claro espirito separatista que é preciso debellar, si queremos realmente conservar intacta a gloriosa herança de nossos paes, a unidade sagrada e inviolavel da patria — condição indispensavel para a realisação dos seus altos e preclaros destinos.

III

Para a realização d'esses destinos — e deve ser esta a nossa cara, ardente e constante preocupação e esperança, como para despertar o sentimento da patria, do mesmo passo combater o espirito separatista e acima do principio federativo pôr a unidade moral da nação — impõe-se-nos como o mais urgente dever a criação da educação nacional.

Horacio Mann, uma d'essas nobres figuras que com Franklin, William Penn, Washington, Jefferson, Lincoln e outros serão a eterna honra e a eterna gloria dos Estados-Unidos, declarava falando da educação publica: «O primeiro dever dos nossos magistrados e dos chefes da nossa republica é de subordinar tudo a este interesse supremo. Em nossos paizes e em nossos dias.

ninguem é benemerito do titulo de homem de estado, si a educação pratica do povo não tem o primeiro lugar no seu programma. Pode um homem ser eloquente, conhecer a fundo a historia, a diplomacia, a jurisprudencia, o que lhe basta aliás para pretender a elevada condição de homem de estado; mas si suas palavras, seus projectos, seus esforços não forem por toda a parte constantemente consagrados á educação do povo, elle não é, não pode ser homem de estado americano.»¹

Deve esta tambem ser a preocupação constante, activa e effectiva de quantos pretenderem não só as honras sinão a honra de estadistas brasileiros. Mais talvez que os Estados-Unidos pede e reclama o Brazil, tanto a diffusão e exaltação da instrucção publica como, e maiormente, a organização da educação nacional.

Dous paizes se nos offerecem contempora-

¹ Apud Spuller, *Au Ministère de l'Instruction publique*, Paris, 1888, Préface.

neamente, como exemplo eloquente e memorável de quanto pode para a regeneração nacional a educação pública, quando servida conscienciosamente e devotadamente não só pelos governos mas por todos os cidadãos. São esses paizes a França e a Italia.

É principalmente dos seus escriptores, dos seus poetas, dos seus publicistas, dos seus oradores, dos seus professores a obra da unificação da Italia. Cavour, como soe acontecer ainda aos mais proeminentes estadistas, não foi sinão um d'esses homens que em dado momento historico consubstanciam em si e representam o trabalho accumulado das gerações e as suas aspirações, que aquelles criaram, educaram e dirigiram.

O *risorgimento*, como a esta phase da sua vida nacional chamam os italianos, é propriamente uma resultante do trabalho giganteo de uma nova educação, não feita sómente nas escolas, porém nas universidades, na imprensa, nos livros e na tribuna. E graças a este movimento,

aquella nação que apenas saía de ser *uma expressão geographica* na dura fraze de Metternich, surge-nos, vinte annos depois, na primeira linha das nações européas.

Vencida e mutilada, diminuida no seu territorio e fundamente ferida no seu orgulho, é para a educação publica que se volve a França. Não é facil dizer concisamente o que se fez em França n'este intento. Á Allemanha, á propria vencedora, foram-se, uns expontaneamente outros em commissões officiaes, professores e pedagogos a estudar n'aquelle fóco scientifico nem só a organização, sinão os methodos, os systemas, o machinismo, a theorica e a pratica do ensino publico. E não foi sómente a Allemanha o veio explorado, mas ainda a Inglaterra, os Estados-Unidos, a Suecia, a Hollanda, a Suissa. Estadistas que mereceram o nobilissimo appellido de *ministros pedagogos* como Julio Ferry, como Spuller, como Julio Simon, trataram as questões da educação publica, e isto diz muito, com a mesma attenção com que outros tratavam os assumptos

da reorganisação militar. Sabios como Paulo Bert, como Carlos Robin, como Miguel Bréal, como Berthelot, como Faye, deixaram os seus gabinetes e laboratorios para virem excitar o prélio sagrado a favor da educação nacional. A litteratura pedagogica até então em França pouco menos de nulla, desenvolveu-se em proporções extraordinarias, e multiplicaram-se a encherem bibliothecas os trabalhos theoricos e os trabalhos praticos, os trabalhos philosophicos e os trabalhos historicos, sobre as varias feições da sciencia e da arte de educar. Surgiram numerosos os jornaes, as revistas e ás associações pedagogicas e, quasi se pode dizer sem exagero, que a reorganisação da educação publica mereceu aos francezes igual sollicitude que a restauração da sua força militar. Em um solemne congresso de professores, dizia um d'esses ministros acima referidos: «Foi então (depois dos desastres da guerra) que a democracia comprehendeu a necessidade de transformar a instrucção primaria, para refazer á França, não direi um espirito novo, mas

um temperamento, costumes, idéas adequadas aos seus novos destinos.»¹

Nós também temos de refazer-nos, não sómente temperamento, idéas e costumes novos, sinão também um espirito novo, o espirito nacional tão enfraquecido em nós. Assim urgente quanto imperiosamente o estão igualmente exigindo os nossos novos destinos.

Aqui, como ali, como por toda a parte, é á educação nacional que compete essa tarefa.

Este livro — que nenhum outro valor tem sinão o da intenção que o inspirou e anima-o, fora a mais bella obra da minha obscura vida, o mais alto e como quer que seja exagerado galardão dos meus desvaliosos mas sinceros esforços, si por ventura pudesse chamar a attenção do nosso publico para esta momentosissima questão da educação nacional.

¹ Spuller, Ministro da Instrução Publica, in *Rev. Pédagogique*, Tome XI, pag. 485.

Não é seu intuito discutir a nossa instrução publica, porém mostrar como ella carece de espirito brasileiro, como ella é alheia a qualquer ideal superior de educação, em uma palavra, como ella absolutamente não merece o nome de educação nacional, e, ao mesmo tempo indicar o que deve ser para se tornar um factor na obra augusta da grandeza da patria.

A este escopo primario, prendem-se questões estreitamente connexas para não poderem ser esquecidas na indagação e resolução d'este problema capital de preparar á patria a luminosa estrada do seu futuro.

Precisamos ser physica, moral e intellectualmente fortes, e que a Humanidade conte conosco. Para isso porém, carecemos primeiramente ser brasileiros.

O amor da patria alenta-se do conhecimento do seu passado, e do seu presente, e da fé no seu futuro. «Não ha na historia povo, conceitua um escriptor francez, que não tenha devido o seu renome á magnitude de um idéal por muito

tempo ambicionado e ardentemente buscado.»¹
«Nos Estados-Unidos, ensina-nos Tocqueville, a patria pulsa em toda a parte e desde a ultima aldeia até o conjuncto da União é objecto da mais viva sollicitude. O habitante affeição-se a cada um dos interesses do seu paiz como aos proprios. Desvanece-se da gloria da nação, julga vêr nos seus successos o seu proprio trabalho e com isso orgulha-se. Tem pela sua patria analogo sentimento ao que vota á familia.»²

N'este Novo-Mundo, o Brazil, certo, tem um primeiro lugar e os mais insignes destinos. Sejamos brazileiros com todo o ardor dos nossos temperamentos, mas sem os langores e desfallecimentos que o neutralizam. Não copiemos ninguém, mas estudemos tudo e todos, e principalmente estudemo-nos a nós mesmos. Tiremos do conhecimento da patria, os mesmos elementos

¹ Le P. Didon, *Les Allemands*, Paris, 1884, pag. 11.

² Alexis de Tocqueville, *De la Démocratie en Amérique*, 17^{me} edit. Paris, 1888, Tom. I, pag. 163.

com que lhe havemos de preparar a grandeza. Que superior aos Estados-Unidos pela unidade ethnologica e pela maior accentuação do caracter nacional, ella o venha a ser tambem por juntar ás energias novas da America as delicias espirituaes da Europa, consorciando os mais altos dotes de espirito e coração, o sentimento e a intelligencia, com as maximas actividades da nossa coeva civilisação industrial. Que igual aos Estados-Unidos pela força, pela riqueza, por todos os progressos da arte e da industria, lhes sejamos superior pela elevação moral da nossa concepção da vida — realisando na America, sem fazer do successo um criterio de moralidade, o typo ideal das futuras civilisações, que apenas lobrigamos através das generosas illusões da nossa fé no progresso indefinido.

Pará, Março de 1890.